

Da cegueira à “Mística de Olhos Abertos”: uma análise da poesia de Adélia Prado a partir de Benjamín Gonzáles Buelta e Johann Baptist Metz

From blind to “Open Eye Mystic”: an analysis of Adélia Prado poetry based on Benjamin Gonzáles Buelta and Johann Baptist Metz

Recebido: 13/08/2019 | Aceito: 06/12/2019

Ceci Maria Costa Baptista Mariani*
Valmir Rubia da Silva**

Resumo: Nas obras de Metz e Buelta, deparamo-nos com o conceito de “*mística de olhos abertos*”. Metz compreende que, na fé cristã, se acha sempre presente uma qualidade que seria a busca pela justiça. Resgatando a frase de K. Rahner: “*O cristão do futuro ou será um místico ou não será cristão*”, Buelta compreende a mística como “*uma dimensão de toda a vida humana*” e, não, como algo reservado a privilegiados, mesmo que, em algumas de suas expressões, atinjam níveis de profundidade maior. Citando Metz, Buelta esclarece que, em uma “*mística de olhos abertos*”, a percepção não se restringe a nós, mas se intensifica no contato com o sofrimento do outro. Este artigo se propõe a apresentar o resultado de uma pesquisa de caráter teórico e qualitativo, empregando a pesquisa bibliográfica como método de trabalho. Com base nos conceitos desenvolvidos por Johann Baptist Metz, a partir de sua obra “*Mística de olhos abertos*”, de elementos também presentes na obra “*Ver ou perecer – Mística de olhos abertos*” de Benjamín Gonzáles Buelta e da análise do fenômeno místico desenvolvida por Juan Martín Velasco, pretende-se elaborar uma análise Teopoética na perspectiva Mística de extratos de poesias de Adélia Prado. Pretende-se, em Metz e Buelta, analisar a relação entre espiritualidade-mística e secularidade, identificando, nas expressões poéticas, sinais de transcendência presentes no século que possam caracterizar uma Teopoética na perspectiva Mística.

Palavras-chave: Mística; Secularidade; Arte; Poesia; Adélia Prado.

Abstract: In the works of Metz and Buelta we come across the concept of “open-eyed mystique”. Metz understands that in the Christian faith is always present a quality that would be the pursuit of justice. Rescuing K. Rahner's phrase: "The Christian of the future will either be a

* Doutora em Ciências da Religião. Membro do corpo docente permanente do PPG em Ciências da Religião da PUC-Campinas. E-mail: cecibmariani@gmail.com.

** Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUCC (Campinas). E-mail: valmir.rubiasilva@gmail.com.

mystic or not a Christian," Buelta understands mystique as "a dimension of all human life," not as something reserved for the privileged, even if in some ways, of their expressions reach higher depth levels. Quoting Metz, Buelta clarifies that in a "mystique with open eyes", perception is not restricted to us, but intensifies in contact with the suffering of the other. This article aims to present the result of a theoretical and qualitative research, using bibliographic research as a method of work. This article aims to present the result of a theoretical and quantitative research, using bibliographic research as a method of work. Based on the concepts developed by Johann Baptist Metz, from his work "Mystic of Open Eyes", elements also present in the work "See or perish - Mystic of open eyes" by Benjamín Gonzáles Buelta, and the analysis of the developed mystic phenomenon by Juan Martín Velasco, is intended to elaborate a Theopoetical analysis in the Mystic perspective, of extracts of poems of Adélia Prado. Through bibliographic review studies, Metz and Buelta intend to analyze the relation between spirituality-mystic and secularity, identifying in the poetic expressions signs of transcendence present in the century that can characterize a Theopoetics in the Mystic perspective.

Keywords: Mystics; Secularity; Art; Poetry; Adélia Prado.

1. Introdução

Para Pseudo-Dionísio, "mística" é uma palavra que, ao ser utilizada para abordar o conhecimento das coisas de Deus, passa ter o significado de "contemplação". Essa contemplação pressupõe uma atitude de renúncia à nossa intelectualidade e sentidos, em vista de abraçar a transcendência e o encontro com o divino. Aspecto marcante da linguagem mística é ser toda simbólica, sobretudo por expressar uma ruptura de nível que se dá, tanto em profundidade como em verticalidade, pela transcendência que passa a envolver a pessoa. Assim, sustentada pela centralidade do símbolo, se vê estabelecer a afinidade que se acha presente entre a linguagem poética e a linguagem mística.

Característica comum que se observa entre os místicos é a insuficiência da linguagem. Expressar o que as palavras já não podem dizer é um esforço da linguagem mística, que, por meio de um discurso de negações, afirma que as experiências vividas pelo místico se encontram além das faculdades humanas, não tendo seu domínio contemplado por elas. A Teopoética, como um caminho que objetiva estabelecer uma aproximação entre a literatura e a teologia, preenche essa lacuna, dando ênfase à relação que se estabelece entre mística e poesia.

É nessa perspectiva que este artigo pretende apresentar uma análise dos poemas de Adélia Prado. Tomando-se como referências principais as obras *Mística de olhos abertos* (2013) de Johann Baptist Metz e *Ver ou perecer: mística de olhos abertos* (2012) de Benjamín Gonzales Buelta, pretende-se demonstrar que, na poesia de Adélia Prado, existem sinais de uma vivência profunda. Nossa hipótese é que, na poesia de Adélia, se encontra uma mística de olhos abertos.

2. Biografia Breve de Adélia Prado e caracterização de sua produção poética

Adélia Luzia Prado de Freitas, popularmente conhecida como Adélia Prado, é uma mineira nascida na cidade de Divinópolis em treze de dezembro de mil novecentos e trinta e cinco. Filha de João do Prado Filho, um ferroviário, e Ana Clotilde Corrêa, casa-se com José Assunção de Freitas em mil novecentos e cinquenta e oito, com quem tem os filhos Eugênio, Rubem, Sarah, Jordano e Ana Beatriz.

Adélia Prado é uma contista brasileira ligada ao modernismo, poeta, professora e filósofa. Os primeiros versos da autora são impulsionados por um relevante acontecimento em sua vida: o falecimento de sua mãe em mil novecentos e cinquenta.

Apadrinhada por nada mais e nada menos que Carlos Drummond de Andrade, a obra “Bagagem” foi o livro de estreia de Adélia Prado, trazendo consigo um total de cento e treze poemas, entre os quais, um de base redigida após a morte de seu pai.

Em um artigo publicado pela Revista Teoliterária de 2011 sob o título: “*Poesia e Mística: um dedinho de prosa com Adélia Prado*”, encontramos uma entrevista da poeta mineira na qual fica bem definida toda a caracterização e enquadramento de sua produção poética. A poesia adeliana se caracteriza pela capacidade de capturar, no cotidiano, aspectos essenciais da vida, por meio de uma dinâmica operacionalizada a partir da categoria central do desejo, que, apresentada pela cultura atual, ora estabelece uma relação harmônica com esse desejo, ora se impõe contra, com postura conflitante.

Como em Adélia a poesia perscruta a intimidade e o mistério que ali se faz presente, pode-se afirmar que em Adélia poesia é espiritualidade. Tem-se aqui um vetor que se forja no mundo interior e, ao determinar sua direção e sentido para o externo, materializa-se sob a forma do fenômeno estético e literário que compreendemos por poesia. Pode-se interpretar esse movimento todo em Adélia como pascal, no sentido de um êxodo que sai de uma situação de apatia e sofrimento, para uma nova circunstância, onde a vida passe a configurar seu sentido. Não prescinde aqui da existência do sofrimento e da dor, mas, diante de todas as vicissitudes, compreende-se a felicidade como consumação de um algo pelo qual se faz a experiência de morrer cotidianamente. Em Adélia, a poesia está em união com o sentimento do mundo e, por estar unida a um Deus, em união com o mistério do mundo.

Em sua entrevista à Revista Teoliterária (2011), Adélia explicou por que sua experiência de fé e vida coincidem com sua experiência mística e poética:

Mística e poesia são fenômenos que procedem da mesma nascente. Não vêm da lógica da razão e se expressam em discursos intercambiáveis: um texto místico tem a atmosfera poética, o texto poético respira mística independentemente da confissão religiosa do poeta ou mesmo de seu ateísmo. Usa paradoxos, metáforas, fala de sentimentos, de experiências e não de pensamentos. São fenômenos vivos (PRADO, 2011, p. 214).

Adélia afirma que, em sua poesia, é marcante a inspiração da linguagem da tradição católica, sobretudo pelo seu fascínio pela liturgia e pelos dogmas. Quanto ao diálogo entre Teologia e Literatura, afirma também que, embora sejam áreas diferentes do conhecimento, seria muito frutuoso se teólogos e padres se aproximassem mais do hábito de ler, pois isso os tornariam mais livres e detentores de pregações mais despertadoras de interesse.

3. Conceitos fundamentais sobre mística

Sendo nosso objetivo procurar identificar a relação que se dá entre espiritualidade-mística e secularidade em Metz e Buelta, buscando, na poesia de Adélia, sinais de transcendência no século que possam caracterizar sua produção poética como uma Teopoética na perspectiva mística, como a expressão de uma “mística de olhos abertos”, compete-nos, antes de tudo, tornar claro e abordar o conceito de mística no qual se fundamentará nossa discussão.

Há muita dificuldade em se conceituar o fenômeno místico e caracterizá-lo com precisão. Por aproximação, pode-se entendê-lo como um “instante supremo”, quando o ser humano, tendo alterado o seu estado de consciência e ultrapassando a razão, a percepção dos sentidos, os limites da linguagem e do espaço tempo, vê-se em unidade com Deus. A imprecisão de termos empregados na elaboração da compreensão do êxtase mostra a dificuldade comunicativa que lhe é própria, tendo em vista também que o êxtase não se submete a investigação racional ou científica.

Segundo López-Baralt (2009), traduzir um “transe suprarracional e infinito” por meio de um instrumento limitado, no caso, a linguagem, é algo que aparece como que entregue ao fracasso. Esse problema é antigo, já presente nas interrogações de Platão quando este em Crátilo realiza suas críticas à esfera da linguagem. Ganham intensidade quando os Padres da Igreja se dirigem a Deus. O chamado problema teológico-linguístico foi considerado sem resolução por Clemente de Alexandria e seu discípulo Orígenes.

Os místicos de diferente épocas se colocaram como que conscientes do problema do déficit da linguagem, um problema que, de forma comum, lhes afligia. Todavia, encontraram, no símbolo e nas expressões simbólicas, meios para expressar o que tinham experimentado. Quanto a isso, López-Baralt (2009, p.374) nos apresenta:

Contudo, os místicos tentaram sugerir algo de seu transe teopático servindo-se de algumas desconsoladas aproximações simbólicas que resultam igualmente enigmáticas em qualquer época e língua: o Tudo e o Nada; o mísero corpo de argila que, no entanto, contém todas as esferas do universo; “a música calada” e a “solidão sonora” do Pseudo-Dionísio; a “luz negra” de Simani; a “noite luminosa” e o “meio-dia escuro” de Sabastari; a “esfera cujo centro está em todas as partes e a circunferência em nenhuma” e o Aleph circular no qual Borges viu o universo inteiro e a si mesmo; o fogo que Pascal se viu obrigado a escrever em enormes caracteres para procurar comunicar seu aturdimento...

Entre as características mais comuns do discurso místico, temos a chamada linguagem apofática (*apophasis* em grego significa “não dizer”). Os extáticos recorrem à linguagem negativa para, de alguma maneira, expressarem Deus. Entretanto, a única coisa que conseguiram partilhar foi uma perplexidade. Nesse sentido, colabora também a reflexão de López-Baralt (2009, p. 374):

Bárbara Kurtz, mesmo quando aceita que as visões que deram margem a literatura mística poderiam ser autênticas, adverte que “a linguagem dos

místicos não pode transcrever uma experiência sem interpretá-la e mediá-la, por mais que o místico lute contra os limites da linguagem humana” (Kurtz, 1992, 32). É impossível expressar literalmente uma experiência pura sem alguma classe de mediação verbal.

De acordo com Velasco (2004), a dificuldade em expressar o que era vivenciado pela experiência mística foi experimentada primeiramente pelos próprios místicos. Tem-se aí um “*novus modus loquendi*” (VELASCO, 2004, p.18) a partir do qual se estabelece um estudo sistemático que aborda suas características. Entre essas, podemos citar: uma primeira que tem a ver com a proximidade que se estabelece entre o místico e a experiência que por ele ganha expressão; a insuficiência da linguagem, que não compromete a linguagem do místico mas impulsiona o fomento de uma nova linguagem; o emprego do símbolo para a construção da linguagem em condição simbólica (a linguagem mística opera uma ruptura de nível em verticalidade e profundidade, como o exercício da transcendência que impulsiona a mística a reconhecer, em todas as coisas, uma nova compreensão caracterizada pelo símbolo); a farta presença do emprego de paradoxos, oxímoros e contrastes.

Para Velasco (2004), tais experiências encontram um ponto concretamente decisivo para sua manifestação, que, por sua vez, se acha contida em uma ruptura de nível, como acima abordamos, em que o sujeito opera um processo de superação de si:

O elemento decisivo para o surgimento de tais experiências é a passagem de um limiar, tão invisível quanto real e efetivo, possível graças à ruptura de nível existencial pelo qual o sujeito supera o modo de vida e a experiência do homem distraído, limitado a ser sujeito de objetos, centrados na utilidade e posse (VELASCO, 2004, p. 23).

Um elemento muito comum ao estudo do fenômeno místico e a toda tradição mística é o conhecido símbolo da “*noite escura*”. Por “*noite escura*”, compreendemos aquele aspecto da experiência mística e seu processo em que o místico se acha diante de uma escuridão insondável. São João da Cruz via a noite escura como elemento para toda a realização da experiência com Deus. A noite escura para esse místico compreende o processo de supressão e privação dos sentidos. Nela se acham submersos, em meio a escuridão, os sentidos humanos, que passam a se encontrar em meio à carência e negação desses mesmos sentidos. O desfecho desse caminho implica no encontro pessoal com Deus.

Característica também marcante trazida pela reflexão de Velasco sobre o fenômeno místico orienta para a “*experiência mística como união com Deus*”. Velasco (2014, p. 30-31) nos apresenta o que ele identifica como sendo os três elementos essenciais da experiência mística:

Três elementos aparecem nesta descrição essencial da experiência mística: a íntima união com Deus como conteúdo e objetivo da experiência; sua condição de experiência imediata na mediação da alma e a marca deixada pela presença de Deus nela; e o amor como caminho e meio para união.

4. Teopoética adeliana: entre a tradição e a secularidade

Tendo em vista que uma característica comum a se observar entre os místicos é a insuficiência da linguagem, percebe-se que aí reside um esforço para externar uma expressão que fale o que as palavras não podem dizer. A Teopoética responde a esse anseio enfatizando a relação que se estabelece ente mística e poesia. Esse conceito achamos perfeitamente claro na explanação de Maria Clara Bingemer (2016), que, ao citar Hopper, conceitua Teopoética da seguinte forma:

a teopoética enfatiza a dimensão do poema, da criatividade de Deus, sua prerrogativa de ser, se se quer teologizar sobre, de forma que eu devo mover-me dentro de sua própria natureza criativa e devo construí-lo criativamente, de forma que eu possa tornar-me co-criador com Deus, se se deve falar teologicamente...devemos aprender, confiar, ser um com, um respiro dentro do inalar e do exalar do Ser, a fim de que "o deus" possa respirar através de nós, e nós, através da tradução deste respirar em canção, talvez...os olhos do tornar-se e uma língua para a dicção do Ser (BINGEMER, 2016, p. 5).

De acordo com Campos (2012, p. 41), a teopoética de Adélia tem como característica um certo "desvio do discurso metafísico-teológico", o qual normalmente se acha presente em meio às produções teológicas. Adélia com sua produção reclama à teologia a necessidade de reinventar-se quanto sua linguagem e expressão, sobretudo quando o atual discurso respaldado na metafísica não proporciona o encontro com o sentido existencial da vida e tampouco cumpre a missão de comunicar a fé cristã e proporcionar o encontro com uma experiência que dela emana.

Nosso objetivo é demonstrar que a obra poética de Adélia tem como forte característica tocar o cotidiano, enxergar realidade e a vida à sua volta, que é expressão de uma "mística de olhos abertos", como trataremos adiante. Porém, antes, vale analisar a religiosidade que impulsiona a teopoética da poeta. Em seu poema "A invenção de um modo" do livro "Bagagem", ela revela duas importantes influências: a Bíblia e a obra de Guimarães Rosa.

Exemplo que ilustra esta relação da poesia de Adélia com os textos das Sagradas Escrituras pode ser encontrado no poema "A Boca" do livro "Terra de Santa Cruz":

Se olho atentamente a erva no pedregulho/uma voz me admoesta: mulher!
mulher!/ como se me dissesse: Moisés! Moisés!/ Tenho missão tão grave
sobre os ombros/ e quero só vadiar./ Um nome para mim seria A BOCA/ ou
a SARÇA ARDENTE E A MULHER CONFUSA/ ou ainda e melhor A
BOBA GRAVE./ Gosto tanto de feijão com arroz!/ Meu pai e minha mãe
que se privaram/ da metade do prato para me engordar/ sofreram menos que
eu./ Pecaram exatos pecados,/ voz nenhuma os perseguiu./ Quantos sacos de
arroz já consumi?! Ó Deus, cujo Reino é um festim,/ a mesa dissoluta me
seduz,/ tem piedade de mim (PRADO, 2016, p. 181).

Dalabeneta (2016), analisando esse poema, afirma que ele carrega consigo um processo de entrelaçamento comum nos poemas de Adélia. Observa-se aí a relação que a

autora estabelece entre suas duas experiências: a poética e a religiosa como algo que se faz possível pela “natureza comum” que encerram em si (DALABENETA, 2016, p. 82).

De acordo com Campos (2012), a produção poética de Adélia faz considerável referência à Igreja Católica, aborda sobre Deus, sobre Jesus, sobre os santos, critica o clericalismo presente também na vivência dos leigos, fala de santidade e não lhe escapa tratar dos pobres a quem se destina, de modo especial, o cuidado evangélico. A morte também acha seu espaço entre os poemas de Adélia “como um ensaio para uma escatologia” (CAMPOS, 2012, p. 44).

Mesmo tendo como referência a religiosidade tradicional, a poesia de Adélia Prado, queremos demonstrar, tem os traços de uma mística aberta à secularidade. Seu versos, muitas vezes compostos com símbolos religiosos tradicionais, tem um alcance público, desborda os controles institucionais.

Pierucci (2018) conceitua como “*secularidade utilitária*” aquele processo responsável pela retração, ou seja, o recolhimento ou retirada do sagrado que permeou o final do século XX, quando a força da razão promovia um “*eclipse do sagrado*”. Todavia, afirma ele, observa-se, no contexto atual, uma inversão de tal fenômeno:

Aliada ao fim do comunismo e à emergência dos regimes teocráticos islâmicos, há uma certa apropriação da onda pós-modernista que em muito contribui para reatualizar, pelo avesso, a questão do “fim da religião” como “não-fim”, como volta, projetando nessa volta uma reviravolta anti-iluminista, algo como o “fim da secularização” (...), responsável pelo retraimento do sagrado. O eclipse que o final do século XX estaria presenciando não é mais aquele que em meados do mesmo século se contemplava, cheio de razão, como o “eclipse do sagrado” (Acquaviva, 1961), mas o seu contrário, o “eclipse da secularização”. Não é à toa que os mais entusiasmados estão chamando o famigerado “retorno do sagrado” de “revanche de Deus” (Kepel, 1991) (PIERUCCI, 1998, s/p).

Assim, na contramão da “*secularidade utilitária*”, atua uma força cujo vetor tem a mesma direção, mas com sentido contrário: o “eclipse da secularização” que, por sua vez, tem por base não a busca da razão como outrora, mas a recuperação do sagrado. Essa análise e compreensão de secularidade parece se aproximar da leitura que nos proporciona Bingemer (2014, p. 859):

Certa configuração do que em teologia chamamos “fê” parece ir desaparecendo paulatinamente, mas consistentemente, sobretudo das sociedades mais afetadas pela urbanização e conseqüentemente pela secularidade. O fenômeno da incredulidade – que poderia ser definido como não crença na religião institucionalizada – nasce a partir do anseio por liberdade de pensamento e ação e conota, portanto, uma secularização da espiritualidade.

Nesse contexto, a secularização, como “o fenômeno da incredulidade” em Bingemer, se apresenta como uma retração à sujeição do sagrado, frente a uma nova razão: a liberdade de pensamento. A autêntica experiência mística

“desinstitucionalizada e destradicionalizada” encontra o berço de seu fomento em meio a própria secularidade, no mundo contemporâneo.

De acordo com Bingemer (2018), essas características resultam do fato da experiência mística ser uma experiência típica e perceptível à interioridade e, portanto, um fenômeno humano que não pressupõe necessariamente a ligação com a religião na sua forma institucionalizada tal qual conhecemos. Assim, mesmo que se observe certo desaparecimento da religião institucionalizada, tal qual comumente conhecemos, a mística desponta com destacada importância, mas também em nova roupagem.

A mística na contemporaneidade se apresenta muitas vezes fora da religião e como um apelo à compaixão que suscita a solidariedade para com o sofrimento humano e sua dor. Nesse contexto, pode caracterizar-se como uma “experiência de amor” que passa pela compaixão para com o outro e que não implica necessariamente revestir-se do caráter de uma experiência religiosa.

Na análise de Bingemer, a crise moderna e o fim do humanismo antropocêntrico trouxeram consigo a experiência com a Alteridade Transcendente, uma abertura ao Totalmente Outro que conserva, entretanto, a autonomia do humano diante da normatividade divina, conquistada pela modernidade, uma espiritualidade desvinculada da religião institucionalizada. Para o teólogo J. B. Metz, a modernidade secularizada oferece as condições para a emergência de uma “*mística de olhos abertos*”.

5. Da cegueira à “Mística de olhos abertos”

De acordo com Metz (2013), na fé cristã repousa uma qualidade que se acha sempre presente: a busca pela justiça. Tendo como ponto de partida essa perspectiva, todos os cristãos podem ser compreendidos como místicos, não somente quando se acham diante de uma experiência espiritual pessoal, mas quando se permitem fazer uma experiência de solidariedade. É dessa forma que Metz propõe que sejamos “*místicos de olhos abertos*”, ou seja, numa perspectiva em que prevalece o encontro com o “*outro*”, a busca da face do sofredor.

De acordo com Metz (2013), a linguagem que articula a experiência em Deus é compreendida como uma linguagem do sofrimento e, também, de um grito a qual, em um momento inicial, não se concede uma “*resposta inconsolada*”, mas uma outra “*pergunta emocionada a Deus*”, cuja característica é uma esperança inconsolada. Metz vê aí a compreensão de uma “*mística de Deus, de Jesus*”. Em contrapartida à cegueira da fé, a tradição bíblica e os dizeres do próprio Cristo em seus ensinamentos apontam para a defesa do tornar visível e verdadeiro. Assim, o cristianismo não pode ser entendido como um “*encantador cego de almas*”, mas na perspectiva de uma mística de olhos abertos. Seguindo essa linha de raciocínio, analisa também o lugar da oração na vida do cristão. Nas palavras do próprio Metz (2013), as pessoas “*que oram situam-se no contexto de uma grande solidariedade histórica*”. Ele deixa explícito que a oração é uma ação que se converge à simples expressão de um “*sim*” diante da finitude humana, de uma experiência contraditória e do próprio sofrimento. Baseando-se nos livros de Jó e nos Salmos, mostra-nos que a linguagem da oração não se fecha diante do sofrimento e do desconsolo, mas se

torna ela mesma a linguagem desse sofrimento e desconsolo. Conceituando, finalmente, o que compreende por oração, assim nos diz Metz (2013, p. 122).

A oração é sempre um grito de queixa vindo das profundezas. Mas esse grito não é um vago gemido errante, e também não é simplesmente um “desejar” – por mais ardentes que sejam os desejos –, mas é um pedido. Essa linguagem da oração tem uma direção, ela busca sua própria instância: a face oculta, silenciosa de Deus. Nesse sentido, a queixa e o pedido, o grito e o protesto na oração, mas também o queixume mudo, o grito que há muito ficou sem palavras, nunca podem ser transmitidos e resolvidos apenas numa “conversa entre nós”. (...) “Deus até fala, mas não responde”, diz um antigo ditado rabínico, que também quer evitar esse mal-entendido.

Antes de nos apresentar o que compreende pelo conceito de “*mística de olhos abertos*”, Buelta nos chama a atenção para o fato de que as épocas de grandes mudanças e transformações também foram os momentos que revelaram grandes místicos, capazes de expressar uma sensibilidade diferente para a percepção de Deus. Tendo em vista esse olhar, quanto à secularização, diz-nos Buelta (2012, p. 7):

A secularização, que tende a tirar Deus dos espaços públicos e a apagar o significado dos signos religiosos que encontramos em ruas, campos e museus, está levando-nos a trabalhar nosso olhar contemplativo para dissolver as cascas da realidade e descobrir, assim, a presença ativa de Deus de uma maneira muito mais profunda e viva que os nomes de Santos colocados nas esquinas das ruas ou as estátuas de pedra nas fachadas das catedrais.

De acordo com Buelta (2012), quanto mais aperfeiçoamos a nossa experiência de Deus dentro de nossa realidade, vamos nos deparando com a descoberta de uma nova linguagem para falarmos com Deus que, segundo ele, é “*sempre novo*” e é aquele que se revela como um “*Tu inesgotável*”.

Tendo por base o livro “*Ensaio sobre a cegueira*” de José Saramago (2003), trabalha o conceito intitulado por ele de “*cegueira branca*” como a compreensão daquela cegueira que não é física como a do cego de nascença ou que assim se tornou por desenvolver alguma patologia, mas aquela cegueira que nos deixa como que “*submersos em um mar de leite*”, que nos impede de enxergar a nossa realidade. Essa cegueira é uma metáfora para a compreensão da atitude de uma sociedade que se nega abrir os olhos diante das situações de morte e se omite a desenvolver um olhar de esperança. Assim, como afirma Teilhard de Chardin, nos deparamos com o desafio de uma escolha: “*ver ou perecer*”.

De Buelta (2012), extraímos também uma importante análise para a compreensão da “*mística de olhos abertos*”, que diz respeito a entender como se articula a cultura da imagem entre “*sensações sedutoras*” e “*sensações seduzidas*”. Para ele, as sensações sedutoras são concebidas nos laboratórios como um direcionamento programado para conquistar e seduzir segmentos da população. Aí essas sensações se convertem de “*sensações sedutoras*” para “*sensações seduzidas*”, entrando “*sem descanso dentro de*

nós” e dominando nossos desejos e decisões. É a partir dessa estrutura que emerge uma cultura de imagem que “*encerram imensas possibilidades de vida desde que Deus se fez ‘Imagem’ em seu Filho Jesus*” (BUELTA, 2012, p. 21). Aí, nossos olhos se encontram uma vez mais na história como olhos fechados...

Entretanto, as imagens não são produzidas, única e tão somente, pelo nosso contato com o meio externo. Elas também podem ser concebidas a partir de nossa disposição diante de um processo contemplativo. A contemplação do Cristo e de todos os nossos irmãos e irmãs, imagens do Criador presente entre nós, liberta nossos olhares da possibilidade de nos escondermos atrás de uma falsa existência. Essa tarefa, no entanto, não é tão simples assim. Citando Gubern, Buelta nos ensina que o símbolo tem sido empregado hoje com a tarefa de ocultar a realidade e de inibir a compreensão dessa ocultação. Tendo em vista essa análise, o processo para conseguirmos enxergar a realidade, de maneira justa e livre de qualquer distorção, deve passar pela experiência de nos sentirmos “*olhados com olhos limpos*”. Retomando o ensinamento de Juan Martín Velasco, Buelta recorda-nos que ser olhado é algo que ocupa a centralidade de nossa experiência com Deus.

Retomando a conhecida frase de K. Rahner, “*O cristão do futuro ou será um místico ou não será cristão*”, enfatiza a necessidade que temos hoje de fazermos uma experiência de Deus que vá além do contato com “*um Deus de catecismo*”. Trabalhando o conceito de “*mística de olhos abertos*” de Juan Baptist Metz, explica-nos que uma experiência mística não se fundamenta tanto no apresentar visões extraordinárias, mas em proporcionar “*uma visão de toda a realidade*”. Com essa base, Buelta (2012, p. 57) diferencia para nós quem é o “*místico de olhos fechados*” do “*místico de olhos abertos*”:

O “místico de olhos fechados” vive com uma inusitada profundidade e consciência da viagem sem fim do encontro com Deus que cada um de nós iniciamos desde o primeiro dia de nossa existência. Sair de suas mãos e entrar no espaço e no tempo de nosso mundo não foi uma despedida, mas o começo de um encontro que já não tem margens. (...). Diferentemente, o “místico de olhos abertos” abre bem os olhos para perceber toda a realidade, porque sabe que a última dimensão de todo o real está habitada por Deus. Relaciona-se com o mundo dando-se conta dos sinais de Deus, que enchem todo criado com sua ação incessante com sua fascinante criatividade sem fim. A paixão de sua vida é olhar, e não se cansa de contemplar a vida, porque busca nela o rosto de Deus.

Buelta (2012) nos apresenta uma pedagogia que aponta justamente para o despertar de uma nova sensibilidade, como “o processo contemplativo da realidade”. Essa sensibilidade não pode se fazer limitada apenas em acreditar em Deus, mas, sim, em “ver seu trabalho”, sua obra, em sentir o gosto e o sabor de estar junto do Criador numa relação de intimidade profunda. Essa experiência deve vir como resultado de um processo em que se descubra a possibilidade de encontrar Deus nas diferentes realidades do mundo e de nossa história. Passando uma vez mais pelas reflexões de Juan Martín Velasco, comenta que o encontro com Deus não se dá de maneira a romper relações

com a realidade. O que ocorre é a necessidade da supressão de relações superficiais, em que se dão ações de dominação e desprezo da pessoa.

É necessário promover a libertação do olhar, não somente para olharmos para nós mesmos, mas também para não cairmos na armadilha daqueles que não nos olham e não nos respeitam como pessoas. Temos sido inebriados por “sensações seduzidas” que entorpecem nossos sentidos, como se fossem a maneira mais correta de vermos a realidade, mas que, na verdade, são todas sensações falsas desde suas origens.

Segundo Buelta (2012, p. 104), “*peritos em conduta humana procuram infiltrar-se dentro de nós para apropriar-se de nossas decisões*”. Faz-se necessário “*desativar o tempo*” que tem se apresentado como demasiadamente acelerado e que, por assim se portar, produz em nós “*entranhas impacientes*”. Não há tempo para a contemplação. Entretanto, outras realidades são contempladas em nosso horizonte, sem expectativa nenhuma de mudança. Diante de um processo de estagnação, acham-se sem esperanças de que as mudanças necessárias ocorram e promovam justiça. Torna-se necessário “*recriar os espaços*”. Para ele, “*os novos espaços da contemplação são a ‘ecologia espiritual’ necessária para perceber a realidade de outra maneira*” (ibidem, p. 105).

Procurando estruturar um caminho para a libertação das “cegueiras” e apontando pistas para possíveis “colírios”, esse autor nos apresenta a transformação que se opera no “*místico de olhos abertos*”:

No místico de olhos abertos, vão nascendo outro coração e outra sensibilidade. A contemplação afina seus sentidos para perceber a encarnação do Filho de Deus nas grutas, impérios, tributos e caminhos, na sementeira e no lago, nas praças e nas sinagogas, nas festas e nos lutos de nossa realidade cotidiana. Ao mesmo tempo, vai transformando o contemplativo em uma imagem veraz do mistério de Deus neste mundo” (ibidem, p. 115).

É nessa dinâmica que ele desenvolve a proposta de um movimento em que somos chamados a “*descer com Jesus aos infernos humanos*”, para edificarmos uma “*nova sensibilidade contemplativa*”. Para despertarmos em nós um novo olhar que promova um novo “*ver*” em que se dá a encarnação da luz, é necessário que, com humildade, reconheçamos que todos nós somos portadores de alguma cegueira de nascimento. Talvez total ou mesma parcial, essa se faz presente em nós, pois nossas vidas se desenvolvem em contato com sistemas religiosos e sociais que nos levam a cultivar um “*olhar avesso e limitado*”. No cego curado, manifesta-se o desejo de Deus que, em Jesus Cristo, quer ser, para todos nós, luz e vida.

6. Análise teopoética de extratos da poesia de Adélia Prado

De posse de todos os elementos que recolhemos até aqui, podemos, finalmente, lançar mão daquilo que é propósito do presente artigo, ou seja, estabelecer uma análise de extratos da poesia de Adélia Prado, justificando nossa tese de que se acham, em meio à produção poética adeliana, sinais de transcendência presentes no século que identifiquem uma teopoética na perspectiva mística, uma “mística de olhos abertos”.

Para discorrer nossa análise sobre a produção poética adeliana, tomamos como referência três poemas de Adélia Prado: “*A boca*”, “*Missa das 10*” e “*O servo*”.

Retomemos, inicialmente, o poema “*A boca*”, já abordado anteriormente:

Se olho atentamente a erva no pedregulho/uma voz me admoesta: mulher!
mulher!/ como se me dissesse: Moisés! Moisés!/ Tenho missão tão grave
sobre os ombros/ e quero só vadiar./ Um nome para mim seria A BOCA/ ou
a SARÇA ARDENTE E A MULHER CONFUSA/ ou ainda e melhor A
BOBA GRAVE./ Gosto tanto de feijão com arroz!/ Meu pai e minha mãe
que se privaram/ da metade do prato para me engordar/ sofreram menos que
eu./ Pecaram exatos pecados,/ voz nenhuma os perseguiu./ Quantos sacos de
arroz já consumi?/ O Deus, cujo Reino é um festim,/ a mesa dissoluta me
seduz,/ tem piedade de mim (PRADO, 2016, p. 181).

Para Dalabeneta (2016), Adélia Prado carrega em seus poemas “uma teologia do cotidiano”, por meio da qual estabelece um elo entre poesia e linguagem religiosa. Isso se observa, sobretudo porque, nas poesias de Adélia, evidenciamos que se leva em questão as próprias questões humanas. De acordo com Dalabeneta (2016), em Adélia a relação que se vê estabelecer entre a poesia e a experiência religiosa se dá em um processo de profundidade mais acentuado. Nesse processo, poesia e experiência religiosa encontram um “lugar comum”, compreendido como uma “experiência de inspiração”. Tomando por base o poema “*A boca*”, Dalabeneta (2016, p. 80-94) diz compreender, em Adélia, inspiração como uma processo de “interpelação”, capaz de fomentar novos sentidos, por ter força simbólica.

Dalabeneta associa o poema à passagem de Ex. 3,1-4,17. Das diversas associações que ele faz entre o poema e o trecho bíblico, para o propósito desse artigo, é suficiente citar uma: o processo de interpelação principia com o “Ver”, ação em que se dá a origem do fenômeno. “*Se olho atentamente a erva no pedregulho...*” é uma ação que se associa à contemplação da sarça ardente. A atitude de “olhar”, de “ver” coloca místico e poeta frente à contemplação de um único “Tu inesgotável”, como afirma Buelta (2012). Esse processo, em si, já caracteriza a poesia adeliana como uma “mística de olhos abertos”. O “ver de olhos abertos” coloca a poeta diante do convite a “ouvir”, em que se acha o transcendente.

Tomando por base a compreensão de “mística de olhos abertos” em Buelta (2012), vê-se aí uma expressão teopoética que rompe com a dialética que articula a cultura da imagem entre “sensações sedutoras” e “sensações seduzidas”, rompendo com a “cegueira branca” de nosso século que impede a contemplação da realidade em torno da qual tanto o místico como o poeta se acham. A imagem que a contemplação produz não é uma imagem falsa, como a que se obtém por meio das sensações artificiais, mas, sim, aquela que se dá por meio da experiência, em que também se dá o encontro com a verdade que se revela. Na experiência, tal imagem é captada como símbolo.

Tomemos agora para análise o texto do poema “*Missa das 10*”:

Frei Jácomo prega e ninguém entende./ Mas fala com piedade, para ele
mesmo,/ e tem mania de orar pelos paroquianos./ As mulheres que depois

vão aos clubes,/ os moços ricos de costumes piedosos,/ os homens que prevaricam em seus negócios/ gostam todos de assistir à missa de frei Jácomo,/ povoada de exemplos, de vida de santos,/ da certeza marota de que ao final de tudo/ uma confissão *in extremis* garantirá o paraíso./ Ninguém vê o cordeiro degolado na mesa,/ o sangue sobre as toalhas,/ seu lancinante grito, / ninguém./ Nem frei Jácomo (PRADO, 2016, p. 243).

De acordo com Fernandes (2007), nesse poema de Adélia, podemos identificar que os participantes da experiência da missa com Frei Jácomo não fazem o processo de interiorização com o santo mistério da missa. Sai do centro das atenções o “*cordeiro degolado na mesa*”, para ser substituído por “*pequenas compensações*”. Aprisionados no interior de uma “*caverna de Platão*”, impedindo o reconhecimento da verdade, de uma mística do sofrimento, agem de olhos fechados e não fazem a experiência da angústia. Aqui encontramos também muitos dos elementos que constituem o olhar da justiça, componente da mística de olhos abertos a partir de Metz.

Tomemos agora o poema “*O Servo*” como exemplificação para nossa análise:

E os pobres?/ Até os ensandecidos quererão saber./ E se ninguém perguntar as pedras gritarão:/ e os pobres? E os pobres?/ Os negrinhos adolescentes/ apanham do patrão em Montes Claros/ e não ganham comida,/ só más ordens e insultos./ Está escrito: “O zelo de Tua casa me devorará.”/ Por quem zelo eu?/ Ao fim por sensações nas quais descubro sempre:/ existe um bem, existe. E tudo é bom,/ é boa a paixão, a morte é boa, sim./ Achei engraçado quando o poeta tropeçou na pedra,/ eu tropeço na lei de jugo suave: “Amai-vos” (PRADO, 2016, p. 209).

Esse poema carrega consigo vários elementos que aqui discorreremos tanto em Metz como em Buelta. Primeiramente, retomemos em Metz a compreensão que esse nos traz de “Interrupção”. Compreende-se a interrupção em Metz a partir do momento em que se olha com compaixão. A experiência do “face a face” proporciona a possibilidade de se deixar ser afetado. Aqui, a poeta é afetada pelos pobres, são eles os promotores de sua inspiração. Deus atua interrompendo a história e a corrigindo: do tropeço na pedra para o tropeço no suave jugo do “Amai-vos”. À categoria das sensações em Buelta, as que se articulam entre sensações sedutoras e seduzidas diante da atual cultura de imagem, contrapõem-se a experiência de sensação da poeta que não são construídas mas, sim, descobertas por ela mesma.

7. Considerações finais

Adélia extrai a sua produção literária daquilo que recolhe de suas experiências no cotidiano. Expressa aquilo que encontra em sua realidade que vê de “olhos abertos”, impulsionada pelos fortes traços de sua religiosidade. Sua poesia é a tradução, em linguagem simbólica, do seu contato com o transcendente, ou seja, extraíndo das palavras da própria Adélia, “*mística e poesia são fenômenos que procedem da mesma*

nascente”. A poeta reconhece a relação mística/poesia em sua obra, que carrega consigo diversos elementos que assim a confirmam.

Essa espiritualidade-mística que se acha na poesia adeliana tem uma relação com a secularidade, na medida em que se expressa como uma “*mística de olhos abertos*”, pela maneira como contempla o universo e a realidade que lhe é circundante. Assim, de posse da compreensão de “*mística de olhos abertos*”, que desenvolvemos a partir de Metz e Bueta, a poesia adeliana pode ser entendida também como um caminho teopoético no século para se sair da “cegueira”.

A caracterização da poesia de Adélia como teopoética fica evidente pela maneira como a poeta une poesia com a teologia cristã. Notavelmente, vimos como Adélia traz para a poesia elementos do catolicismo. Entretanto, esse mesmo aspecto de sua produção poética reforça-a, como vimos em Velasco (2012), como “*a experiência mística como união com Deus*”, quando carrega em seu conteúdo as Sagradas Escrituras como fonte. Velasco afirma ser essa a forma mais forte e perfeita com que a experiência mística pode ser expressa.

Referências

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Mística e secularidade: impossível afinidade? *Revista Horizonte*, Belo Horizonte, vol. 12, n. 35, p. 851-885, jul./set. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n35p381>>. Acesso em: 26 out. 2018.

_____. Teopoética: uma maneira de fazer Teologia? *Revista Interações – Cultura e Comunidade*, Belo Horizonte, vol. 11, n. 19, p. 3-7, jan./jun. 2016. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/article/download/12615/9913>. Acesso em: 26 out. 2018.

BUELTA, Benjamín Gonzáles. “*Ver ou perecer*”: mística de olhos abertos. 1. ed. Rio de Janeiro: PUC Rio; São Paulo: Loyola, 2012.

CAMPOS, Mônica Baptista. “*A poesia me salvará*”: mística e afeto para uma cristologia Teopoética na obra de Adélia Prado. 2012. 139 p. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

DALABENETA, Eduardo. O tema da Inspiração na poesia e na teologia: análise do poema “A Boca” de Adélia Prado. *Revista Teologia em Questão*, Taubaté, vol. 1, n. 29, p. 79-95, jan. 2016.

FERNANDES, Roberto Rosas. A Poesia Mística da Libertação: um estudo psicológico da Eucaristia. *Revista Ciberteologia – Revista de Teologia e Cultura*, São Paulo, ano III, n. 14, p. 24-30, nov./dez. 2007. Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/assets/pdf/post/adelia-prado-e-a-poesia-mistica-da-libertacao-um-estudo-psicologico-da-eucaristia.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2018.

LÓPEZ-BARALT, Luce. Mística. In: TAMAYO, Juan José (org.). *Novo Dicionário de Teologia*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

METZ, J. B.. *Mística de olhos abertos*. 1. ed. São Paulo: Paulus, 2013.

- MOREIRA, Daniele Fernanda Feliz. *Adélia Prado*. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/biografias/adelia-prado/>>. Acesso em: 26 out. 2018.
- PIERUCCI, Antônio Flávio. Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, vol. 13, n. 37, p. 43-73, jun. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000200003>. Acesso em: 26 out. 2018.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.
- PROGRAMA RODA VIVA. *Entrevista com Adélia Prado em 1994*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CPXpd4BwgjY>>. Acesso em: 08 ago. 2018.
- PSEUDO-DIONÍSIO, O Areopagita. *Teologia Mística*. 1. ed. Rio de Janeiro: Fissus, 2005.
- REVISTA TEOLITERARIA. *Poesia e Mística: Um dedinho de prosa com Adélia Prado*. *Revista Teoliteraria*, São Paulo, vol. 1, n. 1, p. 213-217, julho, 2011. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/teoliteraria/article/view/22946/16614>>. Acesso em: 26 out. 2018.
- VELASCO, Juan Martin. *El fenómeno místico: estudio comparado*. 2. ed. Madrid: Trotta, 2003.
- _____. *La experiencia mística*. 1. ed. Madrid: Trotta, 2004.
- _____. *Introducción a la fenomenología de la religión*. 1. ed. Madrid: Trotta, 2006.
- _____. *El hombre y la religión*. 1. ed. Madrid: PPC editorial, 2016.